



Gaiato



Visado pela
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N.º 221 Preço 100\$



«OLHOS NOS MEUS ÓCULOS»

Rapazes do Porto, Lisboa, Coimbra e Ultramar:

Saiu da barra do Tejo, o nosso Pai Américo, em demanda de novos mundos que serão o vosso mundo.

Quanta força não tem o amor, no seu bondoso coração, para assim, apesar das canseiras e desgaste da vida, o arrastar a mais esta longa e penosa viagem. É somente com os olhos postos no vosso futuro, abrir-vos os caminhos da vida, que ele parte.

Saiu pela primeira vez aos dezassete anos, rumo à costa oriental, para ganhar a vida; enriquecer possivelmente. Nessa mira labutou durante vinte anos.

Alcançou o que desejava e descobriu outra riqueza que não procurava: a inteligência desta verdade — de que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?

Mudou de rumo e foi procurar, na pobreza, a satisfação deste novo anseio. A Providência veio mostrar-lhe que, na salvação da criança abandonada, estava a sua própria felicidade.

Com o ardor que todos lhe conhecemos, revolveu trapeiras, tocas, águas furtadas, lojões, ilhas e furnas. Surgiram as co-

PROBLEMAS DE HOJE

Nós estamos num período de gestação, relativo a muitos problemas da hora que passa. Andamos todos a tactear sobretudo no que diz respeito à assistência. Refiro-me dum modo especial à Igreja.

Depois do colapso da separação, os bispos, esbulhados de tudo, viram-se obrigados a voltar quase aos tempos apostólicos. Primeiro a perseguição; depois o rescaldo. Reconstruir seminários, sustentá-los; restaurar igrejas; atalhar a impiedade, o materialismo; recristianizar, fomentar a piedade etc. etc. E nisto se foram duas gerações...

A Beneficência tem ficado para trás. Não está nada feito. Melhor: não há nada organizado num plano de conjunto.

Contudo a Igreja tem na mão o Evangelho; tem a Caridade que é a alma de toda a actuação; tem a expe-

riência adquirida em centenas de obras e dois mil anos de labor; e tem finalmente a glória exclusiva de toda a beneficência, através dos tempos.

Vai sendo tempo de retomar o lugar que lhe pertence, ganhar consciência das suas responsabilidades, senão na actuação, pelo menos na doutrina.

O Estado tem andado à frente, dados os recursos de que dispõe. Estabeleceu bases de assistência em normas seguras. Na aplicação, nós e quantos trabalham na assistência particular, os voluntários, os que sangram com os males dos que sofrem, e se gastam em busca de recursos para acudir às misérias dos que nos rodeiam, sentimos que nos tomam por importunos. Daí ao desprezo e à opressão, vai um passo.

Por vezes a culpa é nossa. É a nossa ignorância.

O clero, dizia-nos há pouco um Deputado, tem andado com os olhos fechados. Alguns padres começaram agora a abri-los.

Temos encontrado, no nosso caminho, vários deles que, entusiasmados com o progresso da Obra da Rua nos perguntam o como e o porquê destas largas passadas.

Muitos querem fazer, pelo seu povo, algo mais do que limpar as teias de aranha da sacristia. Querem trabalhar, mas não sabem por onde começar: um asilo? uma creche? um hospital? casa de trabalho? um salão paroquial? uma conferência?

E quem paga? como se arranja o dinheiro?

Não admira esta incerteza pois as cátedras, eximeas em especulações filosóficas, humanísticas e teológicas, nada nos dizem da ciência e da inteligência da pobreza e do remédio para as chagas sociais. E ficamos diminuídos. A Escritura garante que é feliz quem atinge esta sabedoria: *beatus qui intelligit super egenum et pauperem.*

A meu ver, vem daqui a situação inferior em que nos encontramos. Sobre a cura de almas nada há que tirar ou acrescentar: são quatro anos

(CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA)

lónias de férias, as Casas do Galato, os Lares, as casas dos Pobres. Percorreu cinemas, emissoras, igrejas, praias e termas. Tem batido à porta de muitas casas particulares, empresas, repartições, ministérios. Percorreu aldeias, vilas e cidades. Foi ao Brasil.

Tem recebido o sim e o não; semeado na dor.

E tudo, Rapazes, para vosso bem; pela vossa dignificação.

Agora aí val ele de novo, aos sessenta e quatro anos, pelas rotas já muito por ele batidas (volto a repetir) com os olhos postos unicamente em vós.

Ponde vós também os olhos nele.

Venho recordar-vos uma recomendação que há tempos vos fazia: *Meus filhos, quando a tentação vos bater à porta, ponde os vossos olhos nos meus óculos!*

Compreendeis o que isto quer dizer?

A presença de Deus é garantia para evitar muitas quedas; mas, por ser espiritual a sua actuação escapa facilmente à nossa sensibilidade. Mais visível é a presença do nosso Pai Américo.

Para isso aqui se dá a estampa e seu retrato, tal como foi batido na chapa, há três anos, pelos Brasileiros.

Ao retomar mais uma vez a sua pesada cruz, vai para vós, Rapazes, o meu pensamento e primeira palavra de ordem:

Sejamos dignos filhos de tão grande Pai.

Olhos nos seus óculos!



Boa viagem, Pai Américo! Há sol na nossa alma. Envolve-nos a esperança dum futuro sorridente.

NA DESPEDIDA

E' já em Lisboa, «Quanza» à vista, que eu lanço a mão da pena para dizer das minhas penas. Tantas, que se não fora o ter concertado na Agência do paquete o dia 2 de Outubro como data de regresso, eu não, teria coragem de partir. E' o Manuel do Embrulho; este e outros como ele. Eles são os causadores. Querem ouvir? Ontem em Paço de Sousa e mala pronta, fui levado atrás da Casa III ver uma pata com oito patinhos. Era a notícia culminante. Toda a aldeia sabia. Tinha sido a pata e mais ninguém. Lá estava ela entre codeços e ninho toscos, a bufar se se aproximavam. Manuel do Embrulho ia à frente e também bufava, por outras razões. Ele é uma pilha. Os olhos, a boca, os braços, tudo farscava. Olhe ali. E não se aproximava, com medo: Ela ferra!

Depois d'estas esplêndidas vistas e enquanto regressamos, ele conta doutra maravilha; aquela mesma galinha que tirou uma ninhada de 13 pintainhos de debaixo da casa III, como ao tempo aqui foi dito, aquela mesma, digo está de novo no chôco. E' no mesmo sítio, exclama o Manuel do Embrulho. Ninguém lá vai sem v. (eu) vir de África. O rapaz adivinhou a minha dor. Nota que eu morro por não estar e acode. E promete. Ninguém lá vai! Ele não está ao par dos segredos da natureza. Cuida que pode alterar: a gente espera por si! Mas a galinha não. A vida não. O tempo não espera por ninguém!

Eu que sei estas coisas, vou-me embora com pena de perder tanta riqueza; se não fosse a dor que me causa o ir, — não iria! Quem compreende estas contradições, — quem?!

Mas há mais; muito mais. Os mesmos, com medo dos gatos, foram se ao ninheiro com um cesto, enfiaram mãe e filhos dentro d'ele e colocaram tudo num quarto da Casa mãe, aonde eu habito. Isto era já noite. Não dei fé de nada. Manhã fora e enquanto desço, oiço o grasnar de patos no átrio. Era a mãe com seus filhos! Abro a porta que diz para o refeitório. Estavam à mesa mais de cem rapazes, na refeição natural. A pata entra seguida dos patinhos. Todos se levantam — todos! O alvoroço indizível. O chão cobre-se de migalhas. Os pequeninos de cores variadas e muito contentes, picam e debicam. A mãe agradece. Eu estava — e hoje estou aqui por uma jornada tão longa, tão áspera, tão saudosa! A chaminé do «Quanza» é sinal de afastamento! Os patos. Os pintos. As flores. A inocência do Manuel do Embrulho. O seu cuidado em defender os fracos. Tudo quanto é belo e grande e digno, eu vou deixar. Está o «Quanza».

Mas ele há ainda mais; são as pombas. Estive nos escritórios da tipografia, aonde vi e ouvi delícias. Os seus ninhos, os seus filhos, a sua fidelidade. Os passarinhos a ensinar os homens e estes a dizer que não. No Lar do Porto, vem uma pomba à hora da mesa e comeu da nos-

Da que nós necessitamos

Mais 20\$ de uma promessa ao senhor P.^o Cruz. Mais o Dr. Zequinhas. Mais 50\$ da percentagem do meu trabalho. Que precioso! Mais outro tanto. Mais de Braga para a Cancerosa do Barredo. Mais 500\$ e mais 500\$ e tudo se fará como diz na carta. P. S. D. F. Mais o assinante 9 560 com 70\$00. Mais 120\$ da Rita. Mais roupas de Nave do Barão. Mais pneus usados. Mais a Maria Levy. Pelo nome, parece judia. Mais duas cabazadas no Espelho da Moda: encomendas e dinheiro e dentro dos pacotes também dinheiro. Incrível! Mais de Marinha das Ondas um vale de 560\$00. Mais de Sousa Pombo 1.200 angolares. «Portugal ganhou o Campeonato, eu ganhei a aposta e o Gaiato ganhou estes 60\$00» Isto é do Porto. Isto só é possível no Porto. Mais para uma caixa de injeções para a Doloosa. Mais 30\$ para o Barredo. Mais de Ovar, primeiro aumento mensal de uma alteração de categoria, 172\$50. Mais de Lisboa, tirado ao meu primeiro ordenado, uma Maria. Isto é que é! Mais 100\$00 de um estudante. Mais 500\$ de algures, a p' dir que não diga nada. Mais 121\$00 numa festa de casamento. Mais 100\$00. Ao S. F. S. O. de Lisboa digo que sim. Aqui n'ó se perde nada e pelo caminho também não. Mais 100\$ de Sá da Bandeira. Mais Um Portuense com 100\$. Mais 100 angolares de Moçanedes. Alguém achou 100\$ e perguntou e não tendo dado com o dono, manda. Tudo certo. Muito bem. Uma tripeira 750\$ para uma carta. Cinco contos de quem declara não indicar o seu nome nem terra. Este (ou esta) conhece o Sermão da Montanha. Mais 600\$ no Banco de J. S. C. J. Mais uma professora de Espinho com seus alunos. Mais um carregamento de gravatas. Mais 200\$ de Vila Moreira. Mais 150\$ de Angola. Mais 100\$. Mais idem. Mais 10\$00. Mais 120\$. Mais 20\$. Mais 60\$ do primeiro abono de família do nosso primeiro filho. Tudo isto é belo! Mais 500\$ para a Cancerosa.

Até aqui o registo era do P.^o Américo. Depois da sua partida tomámos nota do seguinte. 500\$ de Vila do Conde em satisfação de promessas feitas, a distribuir como na carta se diz.

50 do Zé Ninguém; idem da Lapa, Lisboa; idem dum contínuo do Banco de Portugal. Mais 50\$ dum promessa a N. S.^a; 220\$ doutra promessa feita pelo assinante 17811; mais 50\$ para a casa; 1 000 cruzeiros do assinante 17.710, 25\$ para os pobres do 11.842; ainda do M. L. R.

Nos registos do Comércio do Porto 315\$ e 100 nos do Banco E. S. Mais 20\$ da Maria José; 100 do assinante 14 141; idem do maior de cinco pecadores que nos são recomendados!

Todos estes donativos encerram alternadamente súplicas, hinos de acção de graças, desabafo de turturas da alma e anseios dum mundo melhor. Cada donati-

sa comida. Estavam tantos rapazes. A pomba não se assusta. Ela é a figura da paz! Daqui par duas horas temos passado o Bugio e depois é o mar. O mar largo. O mar das distâncias. E eu!

vo é uma oração. Mais 40\$ dum criada de servir por alma do pai; e mais 100 do primeiro e pequeno ordenado, e 50 dum Mãe que muito sofre e para que seus filhos vivam mais socegados com a paz de Deus. Faz estes votos um Flaviense

Embrulhos de roupa de Midões e da Beira. Moçambique.

Mais 100 da Lousã dum funcionário pobre para os pobres; 50 do menino Zeca Ângelo para a pobre da Nota da Quinzena. Olha Zequinha os gaiatos perderam a tua direcção e não sabem para onde mandar o livro; mais 50\$ da Rua Vale Formoso. Mais 80 para a cancerosa; 100 do Anónimo B para os pobresinhos do Barredo. O diminutivo que revela amor cristão é dele.

Mais 50\$ para a Mãe que veio com dois filhos a pé. Interessante esta variedade de aplicações. Uns tropeçam na Cancerosa outros no Património; uns acodem a Coimbra outros à Comendadeira; uns ouvem os vicentinos do Porto outros os de Paço de Sousa ou S. João da Madeira. E' a aragem do Espírito que sopra onde quer.

Mais 300\$ do Dundo como simples lembrança de Ivone, Joca e Gaby. Mais do M. C. que se sente muito pequeno diante dum obra tão grande. Mais 50\$ para a viuva da Nota da Quinzena, Mais 100\$ da B. B. e 10\$ em selos e 50\$ em acção de graças pelos exames de meus filhos.

Mais 1 bola e camisolas de M. J.



JÚLIO, NÓS OS TIPÓGRAFOS. PEDIMOS-TE QUE NOS TRAGAS UM JACARÉ. BOA VIAGEM.

PROBLEMAS DE HOJE

de estudos porfiados; quanto aos assuntos de ordem social, já não se vai muito longe; de assistência própria-dita — pouco mais que nada.

E admiramo-nos do anticlericalismo que vai por aí; e de a mocidade correr para os desportos deixando vazias as igrejas e dos operários esperarem a salvação doutras fontes e até dos Pobres descreterem da Religião e da vida futura?

Os que abriram os olhos lutam com mil e uma dificuldades. São os que abrem caminho, os que se gastam; por vezes os que se queimam.

As suas obras vão para a frente porque são de Deus. Ele é a única

Uma Portaria

«Atendendo ao que representou a Câmara Municipal de Loures no sentido de ser autorizada a ceder, gratuitamente, à Obra do Padre Américo uma parcela de terreno destinada à construção de pequenas moradias para assistidos pela mesma Obra.

Considerando que o terreno a alienar não presta qualquer utilidade ao Município;

Considerando que à Câmara incumbe auxiliar as iniciativas particulares quando, como no caso presente, elus, têm objectivo de elevado alcance social;

Considerando que o processo se encontra devidamente instruído:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, autorizar, ao abrigo da parte final do § 3.^o do art. 358.^o do Código Administrativo, a Câmara Municipal do Concelho de Loures a ceder, gratuitamente, à Obra do Padre Américo, com destino à construção de pequenas moradias para assistidos pela mesma Obra, uma parcela de terreno com a área de 1.761 metros quadrados, situada junto à rua de acesso à Casa do Gaiato, na Povoação de Santo Antão do Tojal, e que confronta por todos os lados com vias públicas, nas condições constantes da deliberação tomada por aquele corpo administrativo em reunião ordinária de 22 de Maio último».

força que ampara. «O samaritano vence sempre».

Se a Igreja quisesse reunir para o serviço da indigência todos os seus recursos, a certeza da Providência, a força da Verdade, a pujança do Evangelho, o mundo dos crentes, etc. — não haveria lágrima que se não enchugasse, estômago que ficasse vazio, nu que se não vestisse, dor que não fosse suavizada; órfão, leproso ou mendigo sem uma telha para se abrigar e tudo o mais que a dignidade humana requere. Até o Estado veria simplificada a sua acção.

A Comunidade de Jerusalém foi um facto; a Divina Providência de Turim, é uma realidade; e a Obra da Rua, na sua modéstia, é também uma prova provada.

Já em tempos o Padre Américo dizia: quando chegarmos aos trinta mil, adeus Arcada! Sim, temos a esperança de podermos algum dia comunicar que teremos muita honra em receber a sua colaboração. Todos teríamos a lucrar com isso. A simpatia que envolve a Obra, envolverá igualmente todos os seus Benfeitores.

Mas voltemos ao ponto de partida. Quero ser sempre concreto e construtivo. Gostaria de ver um dia satisfeitas estas aspirações.

Que fosse criada uma Entidade que, colaborando com o Estado, representasse todas as obras de Assistência Particular, e mormente as da Igreja, disseminadas pelo País.

Que nos Estabelecimentos de Ensino, eclesiásticos e civis, se fornecessem aos jovens noções fundamentais e normas práticas sobre a solução dos problemas assistenciais. Não bastam as Escolas Sociais apesar dos bons serviços já prestados.

Enquanto isto não for possível, demo-nos as mãos para criarmos ambiente aos futuros operários da reabilitação dos humildes e párias da sociedade moderna.

Agora

Agora é a palavra do tempo; a da eternidade é — nunca.

Agora importa trabalhar, construir, movimentar amigos e capitais, semear alegria, irradiar a luz.

Agora é a palavra da esperança que soa à porta do pobre: uma casinha? mas isto é o céu! Deus nos livre do Nunca que é grito do desespero, do ódio, do fogo e ranger de dentes.

Agora é uma palavra que define uma obra. Palavra construtiva e criadora na boca dum mortal, como o Fiat (faça-se) o foi no eterno decreto do Criador.

Daquela fiat surgiu, o céu, a luz, os astros, a terra, o ar e o mar — habitação de todos os seres visíveis e invisíveis; deste agora pronunciado há um ano, surgiram trinta casas, habitação e paraíso dos ex-habitantes dos currais.

Agora estão a repetir todos os que neste momento marcam presença na procissão; agora é a palavra que o Pai dos Pobres, brada no continente africano. Agora é um grito que reboia por toda a parte; e o eco volta aqui a martelar baixinho. Ora ouçamos:

Duas casas, na igreja de S. Domingos, em Lisboa. As passadas, para lá as depositar deu as o pai, mas, em qualquer dos envelopes a letra era duma filha — pela saúde dos paisinhos.

Este homem com duas casas no bolso do casaco, perto do coração, é um gigante.

Assim bem principiada a procissão, saída duma igreja vai prosseguir, em direcção ao Sanatório D. Manuel: «É deste Sanatório, onde me encontro há mais de dois anos cumprindo os desígnios de Deus, que lhe envio os meus melhores desejos de uma boa compensação material e sobretudo espiritual de grande sacrificio dessa viagem à África que se propõe fazer muito brevemente. Deus o acompanhe.

Desejando contribuir também com a minha pequenina telha para abrigo dos seus Pobres, mando 50\$ pedindo-lhe mais uma vez a bênção para meus filhos».

A procissão volta ainda pelas ruas de Lisboa entrando nela uma anónima com 30\$ em 2.ª prestação, M. G. N. com 100\$ e 50\$ para as Conferências, comemorando o dia 7 de Junho. Depois passa a S.º Amaro de Oeiras, e entra a pequenina Manuela de 13 anos com uma telha. Dá uma volta por Alcains e recebe outra telha. O Crucifixo, para uma das casas, é asteado em Gouveia, pelas mãos dum médico. Sobe a Marinha das Ondas onde outro médico se apresenta com um barrote de 100\$. No Paião, que fica a seguir, uma professora e uma empregada dos C. T. T. unidas enviam 50\$ para um ferrolho. Já se vê a Figueira onde nos e pera uma mãe com uma telha, pelos resultados obtidos nos exames. Desviamos nos em vários sentidos para deixar entrar outra mãe atribulada com 50\$ — M. L. R. com vela igual; uma viúva que tem pouco mas sente-se na obrigação de dar a quem tem menos, e leva 100\$; outra professora aparece com 100\$ por alma da minha querida mãe, e mais outra mãe que do coração agradece os 20\$ em selos que lhe aceitámos.

A procissão engrossa com o assinante 12 914 que leva 30; e o 11 297 que leva 100\$; e o 6 544 com uma lista no valor de 400\$ cabendo ao Património 100\$.

Entramos finalmente no Porto pela Foz do Douro, onde se recebe mais uma telha. Agora começa o sermão: «Junto envio uma quantia para o muito amado Património dos Pobres. Não sei como agradecer-lhe os sentimentos que nos inspira pela leitura do seu jornal. O que segue, sendo fonte do nosso sacrificio é precipitação à Misa icórdia divina, para resolução de gratíssimos problemas da nossa vida. Consolam-me sobremaneira os métodos do seu trabalho» e o sermão continua... Mais 100\$ na Rua Cardoso e 100\$ para um cobertor; 40\$ do assinante 217; e 50\$ para uma telha pela vitória de Portugal sobre a Itália. Até de patins se vai na procissão.

Vila Pery acena de lá com 50\$. Um irmão no Sacerdócio dá a bênção com 100\$ e a assinante 10 368 de algures acende uma lâmpada votiva, que há-de alumiar a muitos: «envio 100\$ das minhas economias para dar 50\$ à Dolorosa e 50\$ para um vidro duma casa dos nossos irmãos pobres.» Des este «vidro» que vai levar uma luzinha à casa dos necessitados seja também uma luz para mim na eternidade. Dejo a V. Rev.ª uma feliz viagem e com que ansiedade e pero as vossas notícias no «Mensageiro de conforto e alegrias»...!

Agora está em construção 11 casas. Aos 658 contos e meio que faltavam hoje, abatemos 25 e meio e ficamos à espera de 633.

A MINHA VIDA

Dizem que quando eu era pequenino a minha Mãe não queria saber de mim e atirou-me para o curral dos porcos e foi-se embora. Eles morderam-me e eu gritei muito até que os vizinhos me acudi-



O Coco de outrora ram. Depois o Senhor Delegado de Anadia mandou prender a minha Mãe e levou-me para o hospital. Quando já estava bom o Sr. Dr. falou ao Senhor Padre Américo se podia tomar conta de mim. E o Sr. Padre Américo disse que estava bem. Eu chamava o Pai do Céu ao Sr. Doutor, que era muito bom e já morreu no Hospital de Coimbra. E eu entrei na primeira Casa do Gaiato em Miranda. Fui um dos primeiros. Quem tomava

(CONTINUA NA QUARTA PÁGINA)

Tribuna de Coimbra

CASAS DOS POBRES Se estivemos algum tempo calados sobre as Casas para Pobres, não foi por estarmos parados. Quem quer trabalhar pelos Pobres, não pode ter descanso. Assim o exigia a condição da vida deles.

Andamos agora aqui na construção de mais duas. É um senhor que ofereceu o terreno e paga as casas prontas. O Sr. Prior orienta, pois que as Casas são obra da Igreja e por isso a primeira pessoa a interessar-se não pode deixar de ser o pároco. Estamos a trabalhar muito certinhos.

As casas ficam um encanto. Numa encosta muito batidinha do sol e muito abrigadinha dos ventos. Dá gosto lá habitar. Toda a vila lhe fica aos pés e o rio beija-as e o caminho de ferro mira-as muito pertinho. Só a igreja paroquial as sobressai. Uma harmonia encantadora!

Cada casa fica com cinco divisões amplas e uma grande cave para arrumações. São para famílias numerosas, que, graças a Deus, temos por aqui em grande número.

Os nossos rapazes da Conferência de Miranda deram conhecimentos. Os primeiros a beneficiar são sempre os seus Pobres. Um seminarista apaixonado mandou mais vinte para juntar aos trinta que já tinha; duas colchas e cinquenta juntamente com as coisas para o Periquito. Cem no peditório da Sé Nova; e sete moedas de dez no das Carmelitas e a prometer arranjar mais.

É na Sé Velha uma senhora ouve e nega dum colar de pérolas

e entrega e quer dar o que faltar para uma casa. Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos. E trinta de um assinante; e vinte e cinco de Geraldês — Estrada. A pequenina oferente quer ver a sua terra no jornal. Ai vai. E vinte a um vendedor.

PEDITÓRIOS Terminamos com eles em Coimbra. Este ano batemos a mais portas e todas se escancararam. Nas Carmelitas foi um conto e duzentos; em Celas perto de meio conto; no Seminário mil e quatrocentos escudos; e na Rainha Santa para cima de seiscentos.

Agora vêm os do verão. Há dias o Sr. P.º Américo dizia-nos: *eu vou para o mundo e vós ficais cá e esgravatai como puderdes.* Nós, por missão, temos de pedir. Eu levo mais motivos que nos anos anteriores: são oitenta bocas a comer quatro vezes ao dia; são obras que só a última facura para pagar de ferro é de nove contos e a de cimento de oito; são as Casas dos Pobres com o gasto muito superior à receita; e são os turnos de Colónias este ano aumentados e obras nas casas próprias.

Começaremos a Monte Real e saltaremos por Santa Catarina da Figueira. Depois iremos até muito ao sul e bateremos em Nazaré e S. Martinho do Porto.

Se mais houvera lá chegaríamos. Quem nos encontrar por estas ditas paragens, já sabe qual o nosso fim: pedir um pouco do vosso conforto e bem estar e trazê-lo aos Pobres.

PADRE HORACIO

AQUI LISBOA

Foi há dias que ela apareceu. Uma mulher de 58 anos que mais pareciam oitenta.

Vinha por uma cama. Dormia por esmola num curral, junto a uma vaca e pelo sítio «já não se lhe dava», mas não aguentava mais dormir na lage fria.

Perguntei a história. Casara nova e fôra abandonada. Depois, para comer, negociara em roupas feitas, de sociedade com um homem com quem veio a viver. Os anos passaram, passou a frescura e de novo ficou só. O negócio falhou. Sem fira nem beira acolheu-se à barraca de um pedreiro quinze anos mais novo que cedo a aborreceu e expulsou. Ela ia resistindo, porém, um dia ele foi brutal definitivamente e ela teve de partir.

Hoje acolhe a um curral; por companhia uma vaca.

«Tenho sofrido muito...» Nem era preciso dizer... Os sinais das últimas pancadas ainda eram visíveis.

«Tenho sofrido muito mas não mereço outra coisa. Deus deu-me a inteligência precisa para conhecer o mal que vivi. Podia ter sido honesta e hoje viver com sossego. Assim..., tenho a minha paga. Não me queixo, pois bem podia Deus dar-me o castigo só depois da morte».

Uma lição de eternidade na boca de uma pecadora.

Podia queixar-se mas não se queixa. Reconhece. Tem para si que Deus não esqueceu algumas boas qualidades e por isso lhe dá agora o castigo, em vez de «só depois da morte», quando será

se n remédio e sem fim.

Uma pecadora que foi e hoje vive em graça por obra de levar com paciência a sua cruz!

O homem natural não fala assim. Esse grita quando lhe dói maldiz a sua sorte. Embora pecador não reconhece o seu pecado. Ainda miserará um Deus infinitamente misericordioso, mas não entende um Deus infinitamente justo.

Esta mulher não. Crê na remissão dos pecados, na vida eterna. «Bem podia Deus dar-me o castigo só depois da morte...» A reticência diz silenciosamente: «Mas é tão bom, que me troca a pena eterna por dores que hão-de acabar depressa, talvez em reconhecimento de algumas boas qualidades.» Pecou... Agora é uma alma salva pelo sofrimento.

Estas esmolas que nos vem pedir, são quase sempre esmolas que Deus nos manda a nós.

Uma Casa do Gaiato é mar em que desaguardam muitas angústias. Provamos de todas. Sabemos de cada qual qualquer coisinha. Podemos aliviar um bocadinho muitas dores. E quando não, podemos sofrer a dura contradição de quem está para dizer sim a todos os pobres e amargurados e tantas vezes mais não tem, que dizer não. É não é pobreza sermos limitados; nem é impotência não podermos tudo. O Homem que crê e espera em Deus, na consciência do seu nenhum valor, pode muito quando não pode nada. Basta que sofra as dores por que não pode nada. Sofrer é uma maneira de amar.

C. G.



Sentido!
Vem aí o o F. C. P!
Vem o Barrigana!
Vem o PORTO!

De como foi a nossa venda

EM GUIMARÃES

Cá estou outra vez eu a dar notícias aos nossos estimados leitores sobre a venda do nosso admirável jornal "O Gaiato." Já muitos dos nossos leitores, pelo nosso jornal, sabem que em Guimarães há um Snr. que oferece seis prémios, aos rapazes que lá tiverem a sorte de vender mais. Nos dias das festas melhores, de todos os tempos; festas Gualterianas! Eu e o outro vendedor do Porto fomos disputar as finais. Cada um levava 150 jornais. Fomos de véspera. Apenas nós lá chegámos, veio ter connosco, o Snr. que oferece os prémios. Comemos e dormimos em casa dele. Nós os dois estávamos nervosos. Um queria ganhar, outro também queria ganhar. Atiramo-nos para a venda com entusiasmo. O primeiro prémio, era no valor de 500\$00 e o segundo em 250\$00. Por fim acabámos os dois ao mesmo tempo. Nem um nem outro ficou desconsolado, todos ficámos contentes. Estes dois valerosos prémios, foram repartidos entre nós. O Snr. dá a escolher se objectos, ou dinheiro. Agora deixo Guimarães, com as suas festas brilhantes para lhes contar mais algumas coisas, que os Snrs. devem de gostar de saber. Há por aí alguém que se lembre das perguntas que eu fiz no jornal do Gaiato? Pois, aqui vai a resposta de um Senhor.

Amigo Hélio:

"Ami-vos uns aos outros como eu vos amo"

"Isto é a Doutrina do maior MESTRE que a História já mais registou, é a herança mais bela, mais admirável que JESUS, Nosso Senhor nos legou..."

Hélio, é esta a única resposta para a tua pergunta, esses homens que vos fazem bem, que vos estimam, procuram seguir essa Doutrina, difícil, bem sei, mas magnífica, não te parece? é por isso que nós Vicentinos quantas vezes sem vontade de nos maçar-mos, mas depois de um dia de intenso trabalho, vamos ainda visitar, levar um bocadinho de conforto aos nossos irmãos pobrezi-nhos... sim Hélio um dia perceberás melhor quanto é admirável esta Doutrina.

Os Senhores directores do «Sporting Club de Portugal» têm sido muito atenciosos para comigo. Publicaram nma carta que eu escrevi ao Sr. Director. Já cá tenho recebido alguns "Lagartos" oferecidos por alguns sócios. Também de Lisboa já me mandaram dizer que já têm recebido

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO Há dias, como tinha anunciado, fizeram o exame do 2.º grau alguns dos nossos rapazes. Dias antes assistiram às provas orais de outros para que quando chegasse o dia dos seus exames podessem deitar foguetes mais à vontade. Porém assim sucedeu e Deus queira que para o ano o façam em número mais alto porque este ano foram só cinco e que são os seguintes: João, Armindo, Carequita, Pião Manuel dos Óculos. Agora conforme a sua vontade e o seu porte poderão ir para um emprego ou para uma oficina e até poderão ter uma feliz entrada em África. Foi para esse fim que o nosso Pai Américo foi a Angola e a Moçambique para nos abrir o caminho.

As Colónias de Férias do garoto da Baixa na Senhora da Piedade já terminaram. No dia 25 de Junho chegou o 1.º turno e como de costume fomos visitá-lo num domingo e eles vieram cá no outro. É também costume fazer-se um desafio de futebol mas não tínhamos bola. No dia 10 de Julho seguiram para Coimbra todos contentes pois passaram quinze dias felizes. Depois no dia 16 chegou o 2.º turno e assim como no 1.º se fizeram as visitas. Como o sr. Dr. Carlos do Pereira nos ofereceu uma bola foi naquele dia a estreia que vencemos só por um a zero marcado por Armindo que assim marcou o primeiro golo com aquela bola. No dia 31 terminaram as Colónias deste ano dos rapazes e saíram todos contentes e não devia ir nenhum triste. Agora agradecemos muito ao sr. Dr. Carlos do Pereira que já nos tem dado muita coisa e agora ofereceu-nos esta bola de todos um muito obrigado.

Ainda quero lembrar a falta que nos fazem os cintos porque já cá temos alguns rapazes granditos com alças e se alguém tiver alguns usados e que não necessite é favor mandar nos desde já muito obrigado.

Como devem saber que andamos em obras dou a notícia de que já vamos adiantados e vamos começar o 1.º andar. O soalho há de ser coberto de cimento. Se os nossos pedreiros não tiverem que andar sempre a aparelhar pedra já iríamos mais adiantados.

No dia 1 de Agosto fizemos a nossa Comunhão mental a primeira sexta feira do mês. Na quinta foi a confissão e no dia seguinte comunhámos com missa cantada para que Deus ceda ao nosso Pai Américo uma boa viagem.

MANUEL TRINDADE

TOJAL Começou a funcionar no dia 8 de Julho a nossa colónia de S. Julião da Ericieira com as raparigas da casa de trabalho. Já vieram embora

Agora foram para lá os nossos gaiatos e alguns rapazes do Tojal. Quem está lá fazer o comer é o Ernesto, o nosso cozinheiro, com um dos seus ajudantes.

Se algum dos Senhores lá quiser ir, encontrará dois barracões e uma Capela que é Monumento Nacional e encontra também 25 caras sorridentes e amigas.

Caros leitores, não sei se se recordam de eu vos ter contado que nos roubaram a máquina de costura da Casa de Trabalho. Pois desde que vos falei no caso ainda não nos deram nenhuma.

Se algum de vós tiver gosto de a oferecer é mandá-la que nós cá a esperamos com satisfação.

Quem está encarregado da padaria e de fazer o pão é o Corre-Mundo. Estava lá antes o S. Vicente, mas como ele não queria saber de nada foi para lá este com grande vontade de fazer o pão e ter a padaria em condições. Visto ele ter cumprido e se sacrificar na venda do jornal o Senhor P.º Adriano deu-lhe um relógio de pulso que nos deram para um qualquer. Calhou a este e parece-me que foi bem entregue.

Agora deram-nos outro relógio que se distinguia ao Amadeu que vai com o Sr. P.º Estica para a África, mas ele já tinha um e por isso, por indicação de todos nós foi para o Mário—o antigo Caveira. O Mário tem se portado muito bem. Está a ser um bom carpinteiro e é agora o

alguns. Também recebi as bandeiras que fizeram o favor de me mandar. Ora eu por intermédio deste jornal venho agradecer. Os Sportinguistas da Casa do Gaiato estão muito satisfeitos, com os vários resultados, que os atletas do Sporting têm alcançado.

No próximo dia 17 de Agosto, vamos ter cá na Casa do Gaiato uma grande visita dos jogadores e directores e sócios do F. C. do Porto Os Portistas, gaiatos estão ansiosos por esta grande visita

Vai pelo Porto um entusiasmo doido. Fala-se que vêm 200 automóveis, muitas camionetes e comboios espectais. Os vendedores do jornal, no Porto ouvem por lá dizer a um que vêm mais de 5 000, outros 10.000 outros 15000 pessoas Vai ser o fim do mundo!

M. H. (Hélio)

nosso chefe.

O número nosso de pobres ainda é o mesmo e estes que temos já são velhotes; os males de que se queixam é o reumático e nós não temos remédios dar fricções. Se alguém nos quiser ajudar, eles e nós tudo aceitamos e agradecemos.

Carlos Alberto Lopes

COIMBRA Morreu o marido da nossa pobre do Bairro das Latas. Foi na tarde do dia 4 de Julho. Nesse mesmo dia tinha eu ido visitá-lo com um outro confrade e fiquei boquiaberto ao vê-lo puxar de um cigarro e levá-lo à boca. Não chegou a fumar enquanto eu lá estive mas quando eu saí deu largas ao seu vício. Ele já não falava e de vez em quando soltava gargalhadas estridentes. Segundo me contaram foram-no encontrar sentado na cama, já gelado, pois ele há já bastante tempo que se encontrava doente com a tuberculose que tinha já bem fundas raízes, com o cigarro aceso entre os dedos e a queimar-lhos. À noite fomos velar um pouco junto do seu cadáver e ali mais uma vez sentimos o que era a morte que à sua passagem tudo leva, tudo ceifa, pobres, ricos, pais, órfãos, padres, doutores, novos e velhos etc... A morte é o inimigo que vem a qualquer hora, de dia ou de noite. Todos têm o seu fim marcado. Não há um que escape à morte porque lá está a sentença de Deus—O homem que fostes pó e em pó te há-de tornar

No dia seguinte foi o seu enterro, às 4,30 horas, para o cemitério da Conchada a dois passos dali. E' para ali que vão dormir o sono eterno aqueles que foram ceifados pela morte. E' ali que acabam todas as riquezas, todos os prazeres mundanos, todos os sofrimentos e alegrias é ali debaixo daqueles torrões de terra que repousam aqueles que me são queridos, porque eu ainda lhes quero muito como se eles fossem vivos.

A esta pobre ainda há bem pouco tempo tinha morrido um filho, agora o marido e amanhã? Ela agora fica com 6 bocas para sustentar. Quem lhe quer acudir? Quem quer com a sua generosidade salvar aqueles pobres rapazes ainda em plena juventude? Eis umas bocas famintas que se abrem para vos pedir uma esmola. Eu aqui fico no entanto à v'espera. Não vos esqueçais que a morte tudo ceifa e que nada valem as riquezas acumuladas durante anos.

JOSÉ MARIA FERNANDES

ÚLTIMA HORA

UM POSTAL TELEGRÁFICO DO NOSSO PEREGRINO DIZ O SEGUINTE:

LAS PALMAS - AGOSTO DE 1952

-PADRE ADRIANO, OLHA PELO BARCO. SAUDADES A TODOS, TODOS, TODOS, DE LUANDA DAREI NOTÍCIAS.—PADRE AMÉRICO—

A MINHA VIDA

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

conta da casa e de mim era a senhora D. Sara. E eu chamava-lhe Mãe porque não sabia quem era a minha Mãe e foi ela que me criou. Quando foi fundada esta casa, de Paço de Sousa eu vim para cá com a Snr.ª D. Sara e nunca ninguém da minha família perguntou por mim. Já cá estou há 12 anos. No dia dez de Fevereiro a minha Mãe veio cá com o meu Padrasto que era um homem mal escarado. Veio cá para me levar, eu não estava, tinha ido a casa da Snr.ª D. Sara que mora em Cete. Os meus companheiros disseram-lhe que estava em casa da minha Mãe. Qual Mãe? A mãe sou eu, disse ela muito zangada.

Foi-me lá procurar mas eu fugi: e não quis saber mais nada. Eu não a conhecia nem ela a mim. Ela só vinha à mira de eu ir ganhar dinheiro para ela. Eu já fiz o exame da quarta classe e fiquei distinto. O Pai Américo quer que eu fique na Obra para ajudar os meus companheiros, mas eu gostava de um emprego. Por enquanto estou no escritório do Avelino. Cá chamam-me Côco mas o meu nome verdadeiro é Manuel dos Santos Gomes.

Crónica Vicentina

Felizmente que a nossa cruzada em prol daqueles que se vêm afastados do meio da sociedade, tem corrido o melhor possível.

Os nossos leitores correspondem à nossa chamada e apresentam-se com os seus donativos.

A nossa Conferência tem se esforçado para bem cumprir o verdadeiro sentido da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Desde o alimento espiritual até ao material, passando pelo emprego e pelo casamento; tudo a nossa Conferência tem procurado resolver em prol do pobre. Primeiro o alimento espiritual para que o indigente se conheça a si mesmo e saiba que é um ser humano que tem direito à vida como qualquer outro. É necessário que ele conheça Cristo e o tema. Só assim terá confiança no futuro.

Quanto ao alimento material nem sempre é o suficiente para se conseguir suprimir as necessidades do pobre.

Temos no Barredo uma família que mensalmente recebe da nossa Conferência à volta de trezentos escudos. Parece muito dinheiro mas não é o suficiente para uma família tão numerosa e onde infelizmente reina o desemprego. É este fantasma a desgraça de muitas famílias. Se em Portugal se conseguisse resolver este problema, como nós seríamos mais fortes, mais sãos e mais patrióticos. Dentro da nossa Conferência trabalha-se activamente para combater o tal fantasma. Durante o mês de Julho conseguimos empregar dois dos nossos pobres. Um por intermédio da Câmara Municipal e outro pelas Águas e Saneamento. O primeiro é aquele que eu falei na Crónica Vicentina anterior. Mas, de novo andamos tristes, pois foi despedido por não ter que fazer. De novo entrou a tristeza e a miséria naquela casa onde já havia alegria e o suficiente para darem pão à sua filha. Já escrevemos e esperamos resposta. O segundo é um rapaz, novo, de vinte e três anos, e quem andamos a tratar do casamento. Já fui convidado. Ele é do Barredo. Lá estarei cheio de alegria por ver que a nossa Conferência contribuiu para mais um Lar Cristão.

Esta é a nossa grande missão Vicentina atender e resolver as dificuldades dos pobres.

É triste que os grandes, os poderosos não queiram saber dos «pequenos». A Sociedade de S. Vicente de Paulo é uma Sociedade pobre onde não pode haver capital nem depósitos.

Precisamos do auxílio dos grandes e dos poderosos. Não basta ser grande de nome, é necessário ser grande de alma e coração.

CARLOS GONÇALVES